

Como trabalham os búfalos na Amazônia marajoara

*Matheus Henrique Pereira da Silva*¹
Universidade Federal de São Carlos

Resumo: Este artigo aborda as relações entre búfalos e seus criadores no município de Soure, ilha de Marajó (PA), Amazônia. O foco aqui recai sobre o trabalho realizado pelos búfalos chamados de “boi-cavalo” ou “boi-de-sela”, responsáveis pelo deslocamento e transporte de pessoas, coisas e objetos tanto em áreas alagadiças como em terrenos secos. Será abordado o trabalho animal realizado pelo boi-cavalo, bem como as relações e conhecimentos interespecíes emaranhados. Para isso, tratarei dos processos de amansamento e criação nos campos sazonalmente alagáveis.

Palavras-chave: búfalos; criadores; trabalho animal; Ilha de Marajó; Amazônia.

¹ Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/UFSCar), membro do grupo Humanimalia (UFSCar). Bolsista FAPESP (Processo 2021/04496-7). Agradeço a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo) pelo suporte, as leituras e contribuições generosas de Felipe Vander Velden, Leandra Holz e Sarah Moreno, além dos comentários dos pareceristas anônimos.

How buffaloes work in the Marajoara Amazon

Abstract: This article looks at the relationship between buffaloes and their breeders in the municipality of Soure, on the island of Marajó (PA), in the Amazon. The focus here is on the work carried out by the buffalo called 'boi-cavalo' or 'boi-de-sela', responsible for moving and transporting people, things and objects both in wetlands and on dry land. The animal labor performed by the 'boi-cavalo', as well as the intertwined interspecies relationships and knowledge, will be addressed. To this end, I'm going to look at the processes of taming and breeding in seasonally flooded fields.

Keywords: buffaloes; breeders; animal work; Marajó Island; Amazon.

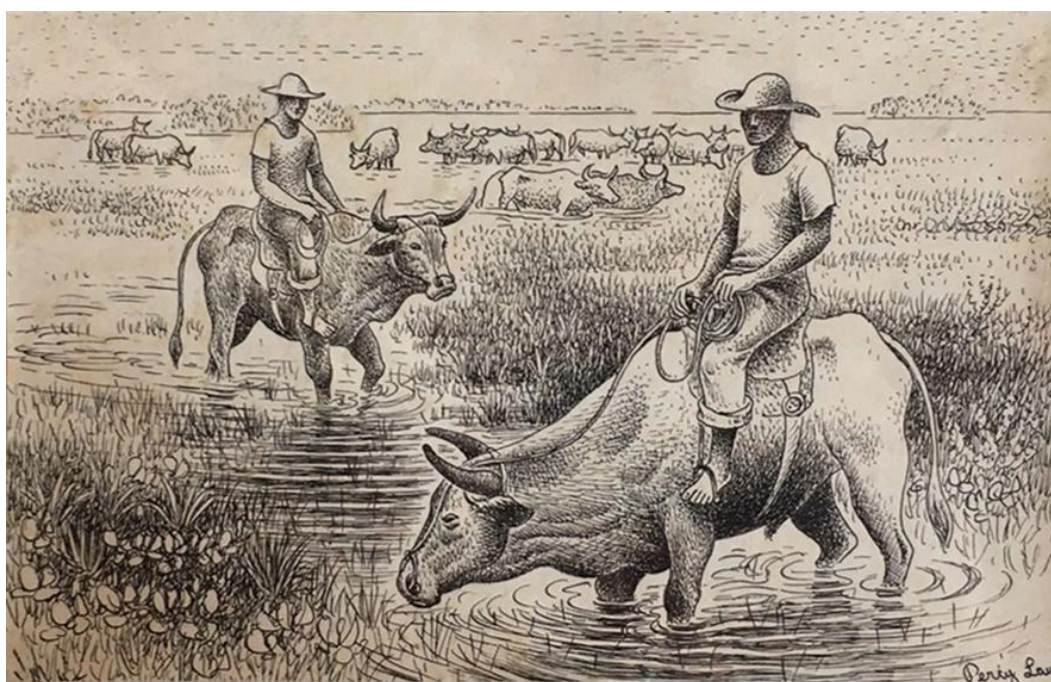
Así trabajan los búfalos en el Amazonas Marajoara

Resumen: Este artículo analiza la relación entre los búfalos y sus ganaderos en el municipio de Soure, en la isla de Marajó (PA), en la Amazonia. La atención se centra en el trabajo realizado por el búfalo llamado «boi-cavalo» o «boi-de-sela», responsable de mover y transportar personas, cosas y objetos tanto en los humedales como en tierra firme. Se abordará el trabajo animal realizado por el «boi-cavalo», así como las relaciones y conocimientos interespecie entrelazados. Para ello, voy a estudiar los procesos de doma y cría en los campos inundados estacionalmente.

Palabras clave: búfalos; ganaderos; trabajo animal; Isla de Marajó; Amazonia.

O búfalo como boi-cavalo ou boi-de-sela

Figura 1 – Búfalos de Marajó, nanquim s/ papel. Fonte: Percy Lau (década 1950).



O ilustrador e desenhista peruano Percy Lau (1903-1972), em suas viagens pela Amazônia brasileira, capturou a rotina árdua dos vaqueiros na região dos chamados campos naturais² na ilha de Marajó, maior ilha fluviomarina do mundo, localizada no estado do Pará. A imagem acima apresenta dois desses homens, de vestimenta simples, trabalhando em vastas áreas sazonalmente alagadas, montados em búfalos domésticos de origem asiática (*Bubalus bubalis*), conhecidos como “boi-cavalo” ou “boi-de-sela”. Os vaqueiros no lombo dos búfalos atravessam áreas pantanosas e matas inundadas, realizando suas tarefas em meio à imagem de uma ideia de natureza amazônica.

O regime de águas e sua sazonalidade são marcantes até hoje nas paisagens marajoaras e para a vida e a rotina das populações locais, que são alteradas durante o período chuvoso, quando os pântanos salinos, igarapés, canais de maré, várzeas e matas de igapó são inundados por três a quatro meses na denominada estação chuvosa (inverno amazônico, que corresponde ao primeiro semestre do ano). No período das cheias na região dos campos, a locomoção em diversas situações e contextos ocorre por meio de barcos motorizados ou “rabetas”, e com búfalos, facilitando o transporte de pessoas, mercadorias, alimentos e outros bens.

² A microrregião do Arari está localizada na Mesorregião do Marajó, juntamente com as microrregiões de Portel e Furos de Breves. A microrregião do Arari é composta pelos seguintes municípios do estado do Pará: Cachoeira do Arari, Chaves, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari e Soure. A região é composta por uma diversidade de ambientes: campos, matas, manguezais e praias.

O búfalo se destaca por navegar por esses labirintos pantanosos. A sua capacidade de se alimentar de capins aquáticos e atravessar terrenos encharcados, onde a densa vegetação cobre lagos e igarapés, o torna essencial para as atividades dos moradores e vaqueiros marajoaras.

O búfalo é conhecido como o “trator vivo do oriente” (DAMÉ, 2006) devido ao seu grande potencial como animal de trabalho, desde o Sudeste Asiático ou mesmo na Europa Mediterrânea, sendo intensamente utilizado em campos de produção de arroz, encoivramento, aração, nivelamento de terrenos, tração de carroças e de pequenas embarcações fluviais, montaria, arrasto de toras de madeira, bem como no alargamento, aprofundamento e limpeza de canais e no beneficiamento de grãos (CAMPBELL, 2005; HOFFPAUIR, 1982; KLOPPERS, JUNGBLUT e DURST, 1942). Na região Amazônica, os búfalos são adotadas na montaria, em fazendas de turismo, pela polícia militar do município, na tração de carroças, para puxar embarcações, toras de madeiras e no transporte de produtos extrativistas e outros, na limpeza de terrenos, entre outros empregos. Os animais estão no centro da produção de leite e queijo do município de Soure, além de terem sua carne e seu couro aproveitados em uma cadeia de beneficiamentos que envolve supermercados, açougues, restaurantes, lanchonetes, padarias, queijarias, curtumes, seleiros, entre outros indivíduos e estabelecimentos. Em meio a essa rede de atores humanos e outros-que-humanos, o búfalo se destaca e é associado pelos criadores por sua capacidade de trabalho e a sua qualidade de “rusticidade”, sendo fundamentais como boi-cavalo no deslocamento de trabalhadores pelos campos alagáveis.

Neste texto, abordo alguns aspectos das relações humano-animais que tornam os búfalos companheiros de trabalho, como bois-cavalo ou bois-de-sela, e uma força produtiva, econômica, ecológica, cultural e afetiva (FANARO, 2019, 2020, 2021; FANARO *et al.*, 2021; HRIBAL, 2003, 2007; PORCHER, 2011, 2014, 2017) envolvendo estes animais com pequenos criadores e em fazendas de maior extensão. O que é o trabalho animal realizado pelo boi-cavalo e que características assume nesta região? Que relações e conhecimentos entre búfalos e criadores são forjados por meio do trabalho animal (FANARO, 2019)? Desse modo, o artigo busca contribuir antropologicamente com os debates a respeito do trabalho animal por meio da investigação do que esses outros-que-humanos realizam nos campos sazonalmente alagáveis ao lado de seus companheiros humanos, partindo de uma concepção de trabalho mais aberta a distintas formas de objetivação do esforço despendido e convertido em trabalho animal por múltiplos seres na construção de suas vidas e mundos (FANARO *et al.*, 2021).

Adoção, monta e amansamento nas áreas alagadiças

Os búfalos foram introduzidos no Brasil, pela ilha de Marajó, no início do século XX, buscando-se com isso o desenvolvimento da pecuária local, a colonização de novos espaços, a domesticação dos campos e a reordenação do espaço fundiário ligado aos fazendeiros e às elites locais (NUNES PEREIRA, 1956; PEREIRA DA SILVA, 2023a, 2023b; SANTIAGO, 2010). Inicialmente, a importação do gado bubalino foi efetuada por fazendeiros e uma rede de instituições públicas ligadas aos governos estadual e federal. Foram trazidos animais domesticados das raças Mediterrânea – provindas da Europa, conhecidos por “pretos” e por sua aptidão leiteira e tração (pelagem escura e chifres curvos, cujo comportamento

era caracterizado como “manso”) – e Carabao, oriundas do Sudeste asiático, chamados de “rosilhos” voltados para produção de carne (caracterizados por sua pelagem cinza e chifres pontiagudos e pelo comportamento agressivo e “selvagem”).

Figura 2 – Búfalos amansados na Fazenda Amparo. Fonte: IBGE/Esso Standard (Década de 50).



O gado bubalino, junto a bois e cavalos, eram criados soltos em muitas propriedades que não possuíam cercas delimitando suas áreas, o que contribuiu para a dispersão do gado em áreas de baixas nas fazendas ou mesmo parcialmente alagadiças, onde os búfalos tornavam-se “selvagens” e eram laçados e caçados em safaris ou aventuras no cotidianos das fazendas (PEREIRA DA SILVA, 2023a). Houve diversos impactos com a adoção destes animais que “invadiam terrenos”, quebravam cercas, feriam cavalos e passavam a se distanciar do contato humano na direção dos terrenos alagadiços, locais em que a presença do búfalo acabou “expulsando” espécies silvestres como cobras e o jacaré-açu (BARROSO, 1954; PEREIRA DA SILVA, 2023a, 2023b).

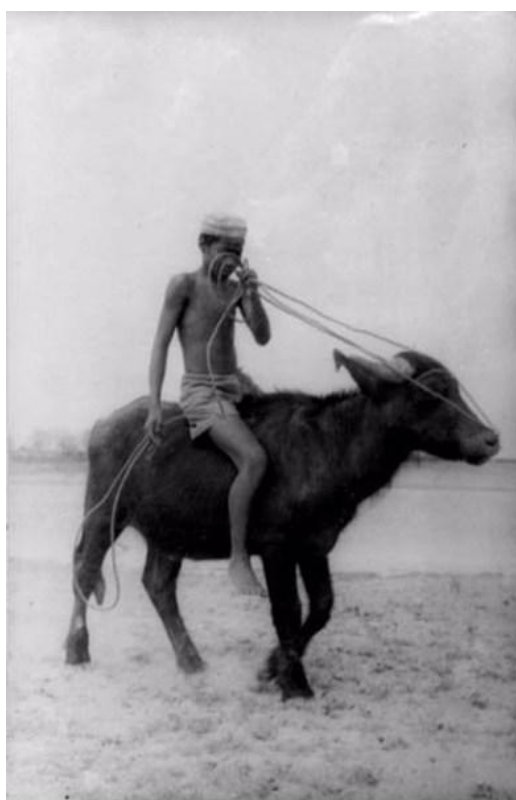
Historicamente os vaqueiros e trabalhadores dos campos e fazendas se locomoveram pelos campos no lombo de cavalos crioulos da raça Marajoara³, uma raça específica que compõe um ecótipo e parte do patrimônio genético no Marajó, junto a seu subtipo, o Puruca. A raça é descendente de cavalos que sobreviveram aos abates e ao mal de cadeiras⁴ no século XIX, o que contribuiu para a falta de

³ Já o diminuto Puruca constitui outra raça valorizada localmente, sendo conhecida como “pônei do Marajó”, tendo sido desenvolvida através do cruzamento de animais da raça Marajoara com pôneis da raça Shetland em 1894 (SMITH, 2002).

⁴ Na Ilha de Marajó a rápida proliferação e o posterior asselvajamento dos cavalos levou ao abate milhares de animais, ao passo em que surgiu a doença conhecida como mal de cadeiras ou “quebra-bunda” que contribuiu para o extermínio da população de cavalos localmente. Segundo Ferreira Penna (1973), em meados do século XIX, a população de cavalos na ilha chegou a quase um milhão de animais, o que foi seguido pelo aparecimento de uma doença infecciosa conhecida como mal das cadeiras ou quebra bunda. A doença atingia a parte traseira do corpo dos animais, impossibilitando-os de ficar em pé. Além disso, os animais também eram afetados por lesões na pele e apresentavam a barriga inchada. A maioria dos animais morria poucos dias após o início desses sintomas. Ainda em 1875 (FERREIRA PENNA, 1973), os proprietários de fazendas reclamaram que não havia cavalos suficientes para o trabalho dos vaqueiros pelo campo, o que levou a iniciativa de alguns fazendeiros de introduzir novos estoques genéticos, novas raças, como a Quarto de Milha, que foram então trazidos para a região.

animais no campo forçando a adoção dos bovinos como boi-de-sela⁵. Os cavalos desta raça possuem estatura média, apresentando cores de pelagem altamente variáveis, que vão do castanho ao cinza ou branco (SMITH, 2002), sendo muito procurada pelos pecuaristas por serem muito resistentes e, portanto, exigirem cuidados veterinários mínimos (NUNES PEREIRA, 1956). Devido ao declínio dos animais e conforme os rebanhos bubalinos foram sendo formados, fomentados e amansados junto aos campos, foram incorporados como boi-de-sela em fazendas – especialmente os animais das raças Murrah e Mediterrâneo, devido a sua “docilidade” –, substituindo quase integralmente o uso do gado bovino para trabalho, sobretudo de monta, visto que os bovinos eram considerados frágeis demais para enfrentar terrenos extremamente secos e mesmo alagados.

Figura 3 – Jovem montado em seu búfalo. Fonte: Acervo IBGE/Esso Standard (Década de 1950).



Nigel Smith (2002) traz, na capa de seu livro acerca do arquipélago marajoara, uma fotografia de um vaqueiro montado em um búfalo da raça Carabao, com chifres levantados, em uma área de campo e pastagens alagadas. Tal fotografia seria replicada em um capítulo intitulado “Caubóis da floresta” (SMITH, 2002: 41), quando o autor tratou brevemente da entrada do gado bovino na ilha desde o período colonial, e também dos bubalinos, posteriormente. Os búfalos eram montados por vaqueiros e moradores dos campos, além de serem usados para puxar carroças e toras de madeira nas áreas próximas às florestas e à várzea. É possível ler em seu trabalho como algumas áreas ligadas historicamente à economia do extrativismo vegetal passaram a incorporar a criação de búfalos de modo

⁵ Segundo o geólogo e geógrafo Orville Derby (1898: 170-1), em consequência do mal de cadeiras que afetou o rebanho cavalariço, os bois substituíram os cavalos no serviço pelos campos, sendo empregados enquanto animais de sela, vistos os altos preços então alcançados pelos animais, além da dificuldade para a manutenção de indivíduos saudáveis por muito tempo.

a tornar mais eficiente o transporte de madeira e açaí (SMITH, 2002). No entanto, em certas áreas dominadas por florestas de várzea, alguns pequenos proprietários estavam adotando búfalos e desmatando para plantar pastagens. Já em grande parte dos campos, os fazendeiros estariam desmatando pouca ou nenhuma floresta ao longo dos rios, nem estariam invadindo muito a floresta que domina a parte ocidental de Marajó. Pelo contrário, em algumas áreas do centro-sul de Marajó, a floresta parecia estar “invadindo a savana” (SMITH, 2002: 42).

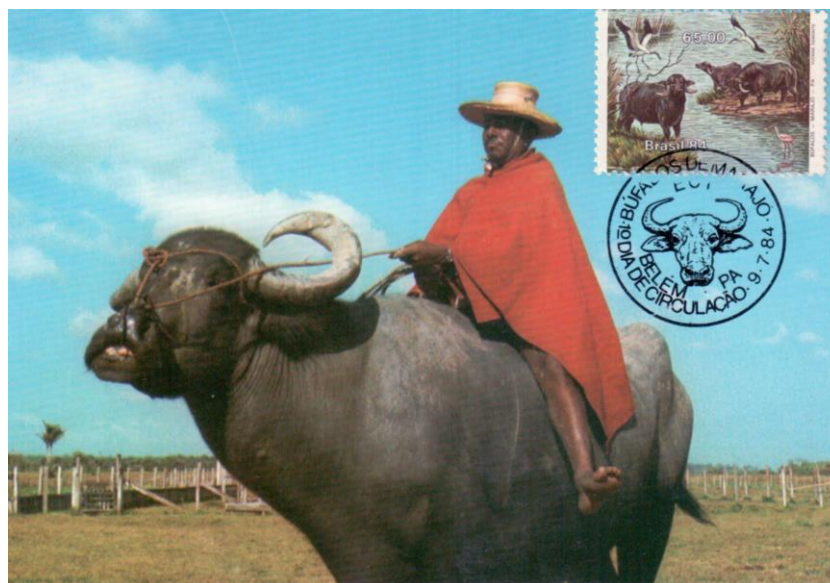
Segundo a antropóloga Euzalina Ferrão (2016), em sua tese sobre reestruturação do espaço rural das fazendas em Muaná, também na ilha de Marajó, ao menos desde os anos 60 e 70 do século XX, com a abertura da sociedade brasileira ao avanço do capital e à tentativa de “modernização e desenvolvimento” da Amazônia, o processo de instalação do animal na região impulsionou a transformação do desenho da fazenda tradicional de gado bovino, desde a substituição do uso dos animais de sela até a criação de novas fazendas e propriedades rurais voltadas exclusivamente para a economia bubalina. Além disso, novos ajustes socioeconômicos em torno da exploração de palmito e açaí foram elaborados na região com a utilização de búfalos no transporte da mercadoria, sobretudo em períodos caracterizados pelos solos inundados.

Com a necessidade de se obter mais animais para transportar os produtos do extrativismo, a produção pecuária, que se fazia, por vezes, separada das áreas de mata, onde se desenvolvia (e se desenvolve) atividade extrativa, passou a ser inserida nestas áreas, abrindo, assim, “uma aproximação nestes dois ramos de produção” em algumas regiões da ilha (FERRÃO, 2016: 201). Alguns espaços físicos, que antes eram de mata fechada, passaram a ser desmatados e usados para a criação de gado, principalmente, búfalos, de modo intensivo. Outro dado trazido pela autora (FERRÃO, 2016) é que esse modo de criação do búfalo contrastava com o modelo tradicional de criação extensiva de gado das fazendas antigas.

Apesar de tais características vantajosas, o búfalo não foi aceito de forma imediata no uso cotidiano das fazendas, sem alguns embaraços (Ferrão, 2016): primeiro, na montaria para as mulheres o emprego do búfalo foi lento, sendo mulheres idosas, crianças e pessoas convalescentes transportadas em bois ou cavalos, por acreditarem que esses animais eram “mais domesticados e dóceis” que os búfalos. Nesse período também era comum alguns moradores desviarem seus caminhos e rotas quando encontravam rebanhos livres de búfalos ou indivíduos grandes com longos chifres, considerados de alto nível de periculosidade.

O gado bubalino terminou por se destacar no transporte de pessoas e de bagagens, por aguentarem mais peso e carga, por serem “mais fortes”; além disso, era possível transportar ainda crianças sobre a carga, grupo que geralmente era conduzido por um menino mais experiente acompanhado de outros menores, ou somente com as bagagens e as crianças sendo puxados por um adulto (FERRÃO, 2016). A mesma antropóloga afirma, ainda, que com o passar do tempo e a bem-sucedida adaptação dos animais aos ambientes e aos modos de vida dos marajoaras, para alguém desconhecedor do habitat original desse animal, a ilha poderia parecer como seu local de origem.

Figura 4 – Vaqueiro com as vestimenta tradicional sob um boi-cavalo da raça Murrah. Fonte: Blog O Mundo Apaixonante da Maximaflia/Ed. Mercator (1984).



Pedro Stoeckli Pires (2015), ao estudar a bubalinocultura nas várzeas do norte do Amapá, região vizinha ao arquipélago marajoara, descreveu o boi-cavalo como o búfalo selecionado e treinado para o trabalho cotidiano com o vaqueiro, principalmente como animal de carga, e que muitas fazendas os utilizam para as tarefas cotidianas. O animal seria fundamental na manutenção de uma fazenda na região de várzea, podendo ser machos ou fêmeas, o que os distinguiu na hora do treinamento, uma vez que as fêmeas seriam mais mansas segundo os vaqueiros locais. Outro costume na região seria se referir a este tipo de búfalo somente como “boi”, o que também seria uma categoria para búfalo castrado (PIRES, 2015), o mesmo podendo ser observado em Soure, no Marajó.

Este animal deve ser amansado para ser incorporado ao trabalho, o que envolve um processo de amansamento constante e fluido que vai desde o furo em seu septo nasal para passar as cordas de condução até os anos de treinamento, o que envolve tentativas de montá-lo de tempos em tempos e de acostumá-lo aos comandos transmitidos pelo cabresto que passa por seu nariz. Todo o processo de amarras e perfuração é bastante doloroso para o animal, porém Stoeckli Pires (2015) ressalta que, ao ser escolhido para se tornar boi cavalo, dá-se ao animal a possibilidade de viver mais do que os demais búfalos da fazenda, pois o treinamento demora meses e, após esse trabalho, dificilmente os vaqueiros selecionam a rês treinada para embarcar rumo ao abate, o que os leva a estabelecerem relações de longo prazo com estes animais, diferentes do que normalmente ocorre com os demais búfalos do plantel. Esse ponto diz respeito ao próprio caráter do búfalo como um capital vivo (HARAWAY, 2008), que tem sua circulação implicada em sua força produtiva. Portanto, se o processo de amansamento tem o rito de passagem doloroso e do trabalho cotidiano futuro, o búfalo tem como recompensa o contrato tácito em que se garante que irá viver mais do que seus pares que não trabalham nas mesmas funções (PIRES, 2015). Agora trataremos do boi-cavalo ao longo dos campos de Soure no Marajó.

O boi-cavalo nos campos de Soure

A primeira vez que fui aos retiros e às fazendas que ficam próximos ao rio Araraquara, no município de Soure, onde moram algumas dezenas de criadores de gado, conheci um búfalo (boi-cavalo) muito trabalhador chamado Liro, da raça Murrah, com cinco anos de idade. Nas fazendas, um boi-cavalo como Liro é fácil de se identificar devido ao seu porte avantajado, uma vez que ele é castrado, quando macho, e separado para engordar e desenvolver todo o seu corpo potencial. Em Marajó o boi-cavalo normalmente é macho devido ao aproveitamento das fêmeas em muitos contextos para a produção leiteira que compõe a alimentação dos moradores e a comercialização do excesso, por exemplo, na forma do famoso queijo marajoara.

Chegamos de “rabeta” (barco motorizado) no porto no rio Araraquara, próximo ao retiro São Domingos. Lá três rapazes nos aguardavam com o búfalo para levar nossos mantimentos e puxar uma outra rabeta através de um canal formado na época das chuvas. Liro levou os mantimentos até o canal e de lá nos puxou, abrindo caminho entre a vegetação (mururé) que bloqueava nosso caminho. Juvêncio montava o animal que nos puxava pelas cordas e ia desbravando o terreno alagado. Em alguns momentos o animal, que parecia hesitar em algum movimento, recebia uma açoitada na parte traseira lateral por meio de uma “muxinga” (pequeno chicote feita de pau e corda). Quando chegamos o criador contou que o animal era para trabalho:

Pra carroça, pra andar em cima, puxa lenha, puxa embarcação e rabeta. Ele faz um bucado de função. Peguei ele desde gitinho [diminutivo de gito, significando pequeno/bezerro], ele era sacana pra jogar a gente de cima dele. Ai peguei pra amansar e coloquei ele com o outro [um bovino chamado Mimoso, mais velho e manso].

Figura 5 – Liro, Juvêncio, Raimunda e Salomão rumo à sua casa atravessam o caminho alagado. Fonte: Autor, 2023.



O processo que chamam de “amansamento” institui uma relação intersubjetiva com o búfalo e marca sua história social e sua trajetória (DESCOLA, 1998), em especial com os animais da raça Murrah ou Mediterrânea. Em outro momento em que atravessávamos agarrados no lombo de búfalos uma área de “baixa”, parte do campo alagável, com a água na altura de nossas botas, Juvêncio comentou os critérios de escolha destes animais, como o peso do animal, temperamento dócil, sendo preferencialmente macho com peito e ossatura fortes e, sobretudo, a partir de sua linhagem genética e comportamento:

A gente escolhe o bezerro da rês, da vaca que é mansa, vê aquele animal que é mais manso e a gente tira né, uma geração que quase não jogue (coices para derrubar o cavaleiro), que não seja brabo! É assim que a gente trabalha. Tem a questão da mãe, a gente vê a genética da mãe, isso é o que a gente observa.

Essa ambiguidade entre genética e treinamento se aproxima do caso apresentado por Luisa Fanaro (2019) em torno do estatuto e do trabalho animal realizado pelos cães de trenó juntos aos *mushers* (condutores) na atividade turística em Ushuaia (capital da Província da Terra do Fogo na Argentina). Os cães aprendem entre si e na prática junto aos *mushers* durante seu treinamento que é realizado de acordo com a sua “natureza” e “com a sua genética”, uma vez que são cães que “naturalmente amam correr e tracionar” (FANARO, 2019: 275). Os *mushers* buscam preservar os genes desses animais para que os cães de trenó continuem nascendo e tracionando e, por isso, realizando sua “natureza” de tracionar. Neste sentido, no caso do búfalo marajoara, além de Juvêncio outros criadores tomam o trabalho animal dos búfalos como uma capacidade “natural” devido a sua “rusticidade”, e seu bem-sucedido amansamento também depende de suas características genéticas e das práticas de amansamento e treinamento, o que aponta, em ambos os casos, para os anos de convivência e de observação entre humanos e animais, uma cocriação de mundos.

Juvêncio acrescentou que existem muitas formas de amansar o animal e que o trabalho é cotidiano, mas que, de modo geral, primeiro fura-se o septo nasal⁶, normalmente com o furador (uma peça pontiaguda elaborada a partir do osso da pata traseira do búfalo) para colocar a serigola de ferro, onde será presa a corda para guiar o animal pela cabeça. O nariz é uma das regiões mais sensíveis dos búfalos e é acionado como meio de forçar o animal a obedecer ao comando do vaqueiro que o monta (PIRES, 2015). Neste período, o animal deve ser pouco utilizado para o trabalho até curar seu nariz e receber um nome de maneira que atenda ao comando do criador através de sua voz, sem o qual, diz-se, a comunicação interespecífica (PETITT e BRANDT-OFF, 2022) seria inviável e não se conseguiria coordenar seus movimentos durante a monta.

A monta no animal⁷ é realizada na estação chuvosa, quando pude observar Thiago, filho de 10 anos de Juvêncio que o ajuda a amansar bois, búfalos e cavalos

⁶ Na casa de um criador chamado Babaio, em Soure, acompanhei o processo de tombamento de um búfalo para a inserção da serigola para seu amansamento e consequentemente para o trabalho com carroça. O criador, junto a seu filho Arnaldo, o pastoreador Éric e seu vizinho Nei, laçaram o animal na região do pescoço e das patas e, em seguida, o colocaram em “cabresto curto” junto a um coqueiro, o que significava sua cabeça amarrada a uma curta distância da árvore para inviabilizar maiores movimentações. Após alguns instantes folgaram a corda na cabeça e chifres do animal, e houve a primeira tentativa de tombar o animal. Laçaram suas patas e puxaram até o animal cair, embora esse processo teve que se repetir por umas cinco vezes devido à resistência do búfalo. Após algumas tentativas, conseguiram derrubá-lo, imobilizando-o: Arnaldo segurava a cabeça pressionando seus chifres contra o chão. Babaio segurava seu rabo entre as patas, Éric apertava as cordas que prendiam suas patas e Nei inseria a serigola com o furador. O animal chegou a urinar devido a situação toda, embora Babaio ressaltasse que a serigola seria fundamental no processo de amansamento pois, segundo o criador, “sem a serigola ele seria um animal bravo”, e com a serigola “servia para o trabalho em carroças”, pois ele “ficou manso”.

⁷ Outro movimento é que alguns búfalos aprendem a se ajoelhar, no momento de montar, sendo um costume observado em poucos animais, em especial aqueles voltados para a atividade turística em terras marajoaras, ao apresentarem, assim, um aspecto considerado de “mansidão” para os visitantes.

de sela. A monta ocorreu no meio de uma baixa no terreno alagado pelas chuvas. Apesar do alagamento, o dia estava ensolarado e propício para o trabalho. Juvêncio comentou que Thiago era o cavaleiro ideal, principalmente devido ao seu porte físico, visto que o búfalo era novo. Após colocar apenas as cordas relativas à cabeçada, Juvêncio buscava segurar as cordas enquanto Thiago tentava a monta. Para montaria, Juvêncio colocou que primeiro deviam “conquistar a confiança do búfalo”, colocar a cabeçada e montá-lo sem a sela.

Após um tempo realizando a monta para o animal se acostumar à montaria e ao comando das rédeas, ele pode ser encilhado e usado para montar e manejar o gado nas regiões alagadiças. No animal sem sela a subida é feita por trás, por meio de um pulo, no caso do rapaz, por cima do lombo do animal. Entre as várias tentativas de montaria, Juvêncio ou Thiago seguravam o rabo do animal como forma de um controle, para evitar que o animal “jogasse muito”. Thiago realizou a monta diversas vezes: ora o animal abaixava as patas dianteiras fazendo com que Thiago deslizesse para frente do búfalo, ora o derrubava por meio de “jogar” o menino para um dos lados. A água e o terreno alagadiço ajudavam a reduzir o impacto das quedas, ao passo que também dificultavam a monta parcialmente, pois, como estava sendo realizada “no pelo”, o couro do búfalo também tornava-se escorregadio.

Outra forma de amansamento cotidiano dos animais para trabalho e dos outros búfalos do rebanho, que acompanhei com Juvêncio, se dá por meio da feitura de fogueira e fumaça. No período das cheias é comum a disseminação de insetos e outras “pragas” hematófagas, em especial mutucas (*Tabanidae sp.*) e maruins (*Culicoides paraensis*), que tendem a grudar no couro do animal. Por conta disso, os criadores fazem uma fogueira com tabocas e casca de coco no centro do curral, o que atrai e “acalma” os búfalos que ficam ao redor da fogueira, ao passo que repele as presenças incômodas dos insetos. As fogueiras são feitas normalmente nos períodos de final da tarde e início da noite, quando os búfalos estão reunidos após passarem o dia pastando e buscando se enlamear para igualmente tentar se proteger dos insetos.

Figura 6 – O criador Juvêncio faz a fogueira e atrai os bubalinos. Fonte: Autor, 2023.



Felipe Vander Velden (2016), em seu artigo acerca das técnicas empregadas para se “fazer” um bom cachorro caçador entre os Karitiana, povo indígena em Rondônia, aponta para o caráter artefactual dos animais no sentido de estarem em devir junto aos Karitiana e serem “feitos” no sentido de fazer desenvolver ou crescer suas habilidades na caça, visto que há animais que “não prestam para a caça”. O “jeito” de fazer animais (VANDER VELDEN, 2016: 34) remete a um modo de ser ou estar como “cão caçador”, de acordo com suas características individuais. Tal movimento permite pensar o próprio amansamento dos búfalos por meio das práticas materiais e semióticas da criação para o desenvolvimento de sua “natureza” na pecuária local, segundo os criadores, por meio da exploração de sua força de trabalho. Ou seja, trata-se de pensar o próprio trabalho animal dos búfalos como seu “modo de ser” enquanto animais de produção, e enquanto o modo de amansamento, o que fala das aptidões demonstradas por cada boi-cavalo na atividade da pecuária.

O boi-cavalo também é utilizado no terreno seco, sobretudo para curtas distâncias, visto que o cavalo é mais ágil, especialmente os equinos da mistura das raças Árabe, Alter, Marajoara e Quarto de milha, por sua maior velocidade e treino para correr. Enquanto estava na fazenda Portal, ainda em Soure, e conversava com Arnaldo, feitor do estabelecimento, para acompanhar a produção de leite, seu Baia, outro vaqueiro e feitor da fazenda vizinha, chamada Fazenda Amparo, passou montado “no pelo” (sem sela) em seu boi-cavalo da raça Murrah, de pelagem negra e chifres enrolados e cerrados, que ainda estava na fase de amansamento. O animal parou diversas vezes e ia em ritmo lento; em certo momento ele parou ao lado de uma árvore enquanto cruzava a fazenda paralelamente ao curral de retirada de leite.

Figura 7 – Seu Baia e seu boi-cavalo. Fonte: Autor, 2023.



Em outro momento, o animal avistou um outro búfalo (também boi-cavalo) e tentou ir em sua direção, o que levou um vaqueiro da fazenda a ajudar Seu Baia

com uma vara para “espantar” o animal. Todos se divertiram com a situação, enquanto seu Baía ria, xingava, gritava e o “peiava” (açoitava) com a corda. Os rapazes comentaram que, como se tratava de um “boi novo”, ele precisava “passar por isso” e nem sempre obedeceria aos “comandos de quem monta”; além disso, o vaqueiro seria um amansador experiente e que sempre trabalhou em fazendas. Eles acrescentaram, ainda, que uma das características fundamentais para vaqueiros, feitores e outros trabalhadores em fazendas seria aprender a amansar o gado, pois isso conferia um grau de autonomia ao trabalhador, sendo apreciado pelos empregadores e, como comentaram de forma humorada, reconhecido “até pelos animais”.

Naquela situação foi possível observar diretamente o amansamento na monta e como o pleno funcionamento de qualquer trabalho que envolva humanos e animais depende, sempre, do esforço e da vontade coordenados de ambas as partes (FANARO, 2019). O trabalho, portanto, só funciona porque os animais assim o querem, e embora o trabalho em muitas situações envolva conflito, as ações dos animais não se resumem a uma reação mecânica, óbvia ou natural, como resposta à ação humana. É preciso pensar tais relações como processos cooperativos de socialização mútua dos búfalos e dos criadores através do trabalho, que implica, claro, convivência.

Portanto, como colocou Luisa Fanaro (2019) acerca do cães puxadores de trenó, que repensemos os “atos de resistência” dos animais, para além da ideia de um simples “reagir”, como atos constituintes de uma negociação entre humanos e animais – e, portanto, atos que envolvem agência de ambas as partes por meio do trabalho animal. Assim, é possível conceber como búfalos e criadores estão conectados na experiência em que vivem, o que nos força a observar como se constituem responsabilidades no trabalho a ser realizado conjuntamente e como seus vínculos dizem respeito ao compartilhamento de suas condições de trabalho nas fazendas marajoaras.

Sobre o trabalho animal

A questão do trabalho animal na antropologia de modo geral tem buscado problematizar a exclusão do espaço destinado aos animais no trabalho e de um conjunto de relações sociais a ele vinculadas, além de revisar o dualismo entre natureza e cultura e seus efeitos acerca da compreensão do papel central dos animais como atores do trabalho na produção de bens e serviços. Não se trata de naturalizar o trabalho, mas ressituar os animais no campo de trabalho dos quais foram excluídos por conta do compromisso com o dualismo que separa o natural do social ou cultural (PORCHER, 2014).

Com base na hipótese de que os animais são atores envolvidos no processo de trabalho, e não apenas objetos, meras máquinas ou ferramentas, Jocelyne Porcher (2011, 2014, 2017) aborda uma história alternativa das relações entre humanos e animais de produção (bois, vacas, ovelhas, entre outros.) por meio do trabalho em que os animais são seres que usam habilidades e inteligência para colaborar com seus colegas humanos em termos de conduta e cooperação. No nosso caso aqui, preciso tomar búfalos e criadores por meio do que os unem, um trabalho colaborativo ao atravessarem os campos quando o búfalo se torna boi-cavalo. Búfalos e criadores estão conectados nas experiências que vivem e por meio das quais constituem juntos suas identidades (DESPRET, 2016; PORCHER e SCHMITT, 2012), o que leva a pensar o próprio trabalho animal como um lócus de encontro, intersubjetividade e comunicação interespecies.

Humano e animais estão engajados por meio do trabalho animal, o que torna possível conectar formas de criação que incluem a nominação e técnicas de amansamento específicas no trabalho para a consolidar de modos de vida multiespecíficos vinculados às atividades laborais. Amansar é integrar o animal a um conjunto de atividades produtivas em relações ecológicas e técnicas que englobam sua criação (FANARO, 2019; PIRES, 2015; VANDER VELDEN, 2012). O amansamento dos animais foi um ponto mencionado por basicamente todos os criadores em nossas conversas iniciais, visto que são criados como companheiros de trabalho e partilham da vida e da labuta diária dos humanos.

Stoekli Pires (2015) apontou para a concepção do amansamento como processo contínuo e rítmico para compreender as relações entre humanos e bubalinos na região do baixo Araguari, sobretudo no trato com o boi-cavalo na várzea, ao seguir os três pontos colocados por Sigaut (1988): a apropriação dos animais pelo humano, sua familiarização recíproca e a utilização econômica e social do animal. Porcher e Nicod (2018) escrevem que o trabalho é o que historicamente define e assegura os processos de domesticação de animais pelos humanos, e que a relação de trabalho animal ocorre na esfera da produção, mas que também diz respeito a viver juntos e coabitar mundos.

Nas fazendas nos campos marajoaras a vida dos búfalos é continuamente trazida para o domínio da criação e do trabalho animal. Em minha pesquisa vem sendo possível atentar para como foram amansados na função de boi-cavalo ao transportar pessoas, coisas e objetos pelos campos com grande eficiência, dadas sua força, docilidade e sociabilidade. Neste sentido, o trabalho animal é a labuta diária por meio do comprometimento com a realização de demandas propostas e uma negociação constante com a vontade dos animais para tracionar corretamente, além do cuidado em conhecê-los, nomeá-los, amansá-los, alimentá-los, tecer uma comunicação interespecífica eficiente com eles e realizar uma seletividade para o desenvolvimento do potencial de seus corpos. Trabalhar também é sofrer e se cansar juntos, humanos e animais, por meio de tarefas extenuantes ao final de cada dia ou em atividades conjuntas.

É preciso destacar que a categoria trabalho animal possui uma importância etnográfica ao chamar a atenção para como os búfalos vivem como *commodities* sencientes (WILKIE, 2010), conscientes de seus ambientes, sensações corporais e relações com os outros seres, o que força um movimento de colocar em primeiro plano os elementos empíricos, atitudinais e afetivos da pecuária, perdidos quando o foco está somente na abstração do trabalho e no valor de troca dos animais pensados como recursos, instrumentos ou mercadorias. O trabalho animal, antes de mais nada, envolve os corpos de animais e humanos que desempenham um papel central em todo o trabalho que realizam (FANARO, 2019). No caso do boi-cavalo junto aos criadores, seus corpos estão relacionados desde sua criação como filhotes, perpassando por técnicas de amansamento e nominação até a realização eficiente dos trabalhos de deslocamento e tração. Logo, o animal que ocupa a posição de boi-cavalo no processo rotineiro de produção pode se destacar do rebanho, tornar-se individualmente reconhecido, ter outro significado para o trabalhador e, assim, tornar-se mais próximo dos criadores por meio de suas experiências cotidianas nas fazendas e nos campos.

O outro movimento colocado pela literatura (FANARO, 2019; HARAWAY, 2003, 2008) seria de tratar da coreografia ontológica de búfalos e criadores por meio do trabalho animal, o que coloca em jogo animais valiosos e encontros carnavais (sensíveis e sencientes) em arranjos situados e temporais que, neste caso, produzem a “natureza” dos búfalos por meio de suas atividades e forças, como

um conjunto de práticas materiais e semióticas que os envolvem no cotidiano da pecuária local enquanto bois-cavalos. Neste sentido, a coreografia ontológica dos búfalos e criadores envolve a coordenação dinâmica durante a monta e os trabalhos de tração, que congregam os corpos como forças produtivas, econômicas e sencientes por meio dos movimentos, técnicas, cooperações, convívio, histórias e outros aspectos emocionais e práticos do amansamento envolvidos na labuta.

Conclusões

É fundamental destacar a relevância do trabalho animal, especialmente do boi-cavalo, nos campos sazonalmente alagáveis do arquipélago do Marajó. Esses animais ainda são amplamente utilizados em diversas atividades rurais, contribuindo significativamente para a economia local e o sustento dos moradores nos campos que dependem do regime das águas para a locomoção. A força, resistência e adaptabilidade do boi-cavalo fazem dele um aliado indispensável na rotina dessas populações, seja no transporte de pessoas e cargas, seja nas tarefas do dia a dia. Os criadores valorizam profundamente essas qualidades, adotando os animais não apenas como instrumentos de trabalho, mas como parceiros essenciais em um ambiente desafiador, marcado pelas mudanças sazonais. Assim como os búfalos, que no Marajó envolvem uma interação entre cultura, paisagem e trabalho, o boi-cavalo também se mostra “bom para pensar” e “bom para trabalhar”, revelando os aspectos do conhecimento interespecies contido na convivência nas paisagens amazônicas.

Recebido em 9 de maio de 2025.

Aprovado em 30 de agosto de 2025.

Referências

BARROSO, V. *Marajó: Estudio etnográfico, geológico, histórico, Sobre a Grandiosa Ilha da Foz do Amazonas*. Compañía Editora Americana, 1954.

CAMPBELL, B. “On ‘loving your water buffalo more than your own mother’: relationships of animal and human care in Nepal”. In: KNIGHT, J. (ed.). *Animals*

in person: cultural perspectives on human-animal intimacies. New York: Routledge, 2005. pp. 79-100.

DAMÉ, M. *Búfalo: animal de tração*. Embrapa Clima Temperado, 2006.

DERBY, Orville A. A ilha de Marajó. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*, Belém, 2 (1/4): 163-173, 1898.

DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, 4: 23-45, 1998.

FANARO, L. Notas sobre las relaciones entre perros de trineo y mushers en Tierra del Fuego, Argentina. *Tabula Rasa*, 40: 75-98, 2021.

FANARO, L. *Os cães de trenó na Terra do Fogo (Argentina) e o que eles têm a nos ensinar sobre o trabalho animal*. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

FANARO, L. The domestic, the wild and its interstices: what can a dog do in Tierra del Fuego. *Vibrant*, 17: e17353, 2020.

FANARO, L.; LIMA, D.; KOOSBY, M.; VANDER VELDEN, F. 2021. Introdução ao dossiê Trabalho animal, trabalho humano. *Revista Uruguaya de Antropología y Etnografía*, 6 (2): 2-12, 2021.

FERREIRA PENNA, D. *Obras completas*. Vol. I. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973.

FERRÃO, E. *Vaqueiros, compadres, criadores de gado e transformações nos campos do Marajó*. Relações sociais em mudança. Belém, 2016. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade Federal do Pará, 2016.

HARAWAY, D. *The companion species manifesto: Dogs, people, and significant otherness*. Chicago: Prickly paradigm press, 2003.

HARAWAY, D. *When species meet*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2008.

HOFFPAUIR, R. The water buffalo: India's other bovine. *Anthropos*, 77 (1-2): 215-38, 1982.

HRIBAL, J. "Animals are part of the working class": a challenge to labor history. *Labor history*, 44 (4): 435-53, 2003.

HRIBAL, J. Animals, agency, and class: Writing the history of animals from below. *Human Ecology Review*, 14 (1): 101-12, 2007.

KOPPERS, W.; JUNGBLUT, L.; DÜRST, U. The Water-Buffalo and the Zebu in Central India. Observations from the Viewpoint of an Anthropologist. *Anthropos*, 75 (4/6): 647-666, 1942.

NUNES PEREIRA, M. *A ilha de Marajó: estudo econômico-social*. Rio de Janeiro: DNPA/Divisão de Caças/Serviço de Informação Agrícola, 1956.

PEREIRA DA SILVA, M. "Caça aos búfalos selvagens na Amazônia marajoara". In: CORREIA, H.; VANDER VELDEN, F.; ROCHA, H. (orgs.). *Humanos e outros-que-humanos nas narrativas amazônicas*. Perspectivas literárias e antropológicas sobre saberes ecológicos, tradicionais, estéticos e críticos. São Carlos: Editora De Castro, 2023a. pp. 307-327.

PEREIRA DA SILVA, M. Paisagens, histórias e ecologias mais que humanas do gado ao longo dos campos na Amazônia Marajoara. *Ilha – Revista de Antropologia*, 25: 24-42, 2023b.

PETITT, A.; BRANDT-OFF, K. Zoocialization: Learning Together, Becoming Together in a Multispecies Triad. *Society & Animals*, 1: 1-18, 2022.

PIRES, P. *Laços brutos: vaqueiros e búfalos no baixo Araguari – Amapá*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de Brasília, 2015.

PORCHER, J. The relationship between workers and animals in the pork industry: a shared suffering. *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, 24: 3-17, 2011.

PORCHER, J. The work of animals: a challenge for Social Sciences. *Humanimalia: A Journal of Human-Animal Interface Studies*, 6 (1): 1-9, 2014.

PORCHER, J. *The ethics of animal labor: a collaborative utopia*. London: Palgrave Macmillan, 2017.

PORCHER, J.; NICOD, S. Domestication and animal labour. In: C. STÉPANOFF, C.; VIGNE, J. (eds.). *Hybrid Communities: biosocial approaches to domestication and other trans-species relationships*. Nova York: Routledge, 2018. pp. 251-259.

PORCHER, J.; SCHMITT, T. Dairy cows: Workers in the shadows? *Society & Animals*, 20 (1): 39-60, 2012.

PORCHER, J.; SCHMITT, T. Les vaches collaborent-elles au travail? Une question de sociologie. *Revue du MAUSS*, 1: 235-261, 2010.

SANTIAGO, A. *Introdução dos búfalos no Brasil*. ABCB: Associação Brasileira de Criadores de Búfalos, 2010.

SIGAUT, F. Critique de la notion de domestication. *L'homme*, 34: 59-71, 1988.

SMITH, N. *Amazon sweet sea: land, life, and water at the river's mouth*. Dallas: University of Texas Press, 2002.

WILKIE, R. *Livestock/deadstock: working with farm animals from birth to slaughter*. Philadelphia: Temple University Press, 2010.

VANDER VELDEN, F. Como se faz um cachorro caçador entre os Karitiana (Rondônia). *Teoria e Cultura*, 11 (2), 25-35, 2016.

VANDER VELDEN, F. *Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana*. São Paulo: Alameda, 2012.

VOLUME 13
NÚMERO 32
(MAIO/AGO. 2026)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:

MASCULINIDADES, CURSO DE VIDA E CUIDADO

COORDENADORXS:
DR. ESMAEL ALVES DE OLIVEIRA (UFGD)
DR. MARCOS NASCIMENTO (FIOCRUZ)
DR. CAMILO BRAZ (UFG)

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE MARÇO
DE 2026

32

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

VOLUME 13
NÚMERO 33
(SET./DEZ. 2026)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:

ÉTNOGRAFIA, ESCRITA DE SI E ESCRITA ENTRE OS SEUS: EXPERIMENTAÇÕES, DESAFIOS E POTENCIALIDADES

COORDENADORXS:
DR. DR. LEANDRO DE OLIVEIRA (UFMG)
DR. DR. FELIPE TUXÁ SOTTO MAIOR CRUZ (UFBA)

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE JULHO
DE 2026

33

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso